



## PAISAGENS DA CRÍTICA periférica

Edgar Cézar Nolasco<sup>1</sup>

Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto. Borges. *O fazedor*, p.168.

Lugares periféricos são sempre *lugares específicos*, mas nem todos os lugares são periféricos. Pensar *a partir da periferia* implica pensar a partir dos projetos globais que se cristalizam, de forma hegemônica, na cultura; significa, também, em transculturar tais projetos globais em projetos locais periféricos que façam sentido para a cultura periférica; significa, ainda, e sobretudo, em rearticular os saberes e os discursos todos de uma perspectiva da crítica subalterna. Uma reflexão crítica periférica, por sua natureza de fora do lugar e sua estratégia transdisciplinar, só pode se situar e, por conseguinte, ancorar seu discurso na margem do saber instituído e dos discursos acadêmico e disciplinar, como forma de barrar um pensamento totalizante vindo de fora.

Walter Mignolo, antes de acreditar que existe ou não “dentro e fora”, reconhece que o “difícil é esquecer ou eliminar as dicotomias históricas que o discurso e a epistemologia colonial impuseram ao mundo, inventando diferenças coloniais”<sup>2</sup>. Na esteira do intelectual contemporâneo, o que a crítica deveria fazer é eliminar de seu vocabulário qualquer visada dicotômica, sobretudo porque o discurso colonial, moderno, não fez outra coisa senão povoar o mundo de

---

<sup>1</sup> Edgar Cézar Nolasco é professor da UFMS.

<sup>2</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.453.

dicotomias. A questão, em uma abordagem crítica, resume-se não em saber se de fato existiu “dentro e fora”, mas, sim, em saber como resolver esta “ferida aberta” (ANZALDÚA) que marcou para sempre as produções culturais humanas e o próprio saber no mundo. “Dentro e fora, centro e periferia são metáforas dúplices que dizem mais sobre os *loci* da enunciação do que sobre a ontologia do mundo. Há e não há dentro e fora, centro e periferia”<sup>3</sup>. O que deve haver é uma crítica periférica, subalterna por excelência, cujo pensamento liminar reverta a subalternização dos saberes e a colonialidade do poder, crítica que proponha um novo modo de pensar no qual as dicotomias sejam extintas em prol de uma outra episteme que se articule para além da diferença colonial moderna. Tal projeto crítico precisa defender uma forma de pensar nas e *a partir das* margens periféricas do mundo, visando transformar as demais epistemologias que migraram dos grandes centros ou de fora do país e rearticulá-las da perspectiva periférica.

Sempre na esteira do que propõe Mignolo por todo seu livro, mesmo que às vezes correndo o risco de contradizê-lo, entendo que o intelectual deste século XXI, quer se encontre na condição de periférico ou não, deve antes de mais compreender que as periferias mundiais e globais geram seus *loci* de enunciação específicos que precisam ser encampados pelas discussões críticas contemporâneas, sobretudo por elas proporem uma outra reflexão em torno do “conhecimento e compreensão” propostos pelo discurso acadêmico, além de lembrarem ao intelectual dos centros que tanto ele quanto o próprio conhecimento disciplinar precisam “aprender com” aqueles discursos e intelectuais periféricos “que vivem e refletem a partir dos legados coloniais e pós-coloniais.”<sup>4</sup> Caso não aja assim, o intelectual do Brasil, ou melhor, da periferia-Sul dessa tríplice fronteira do Centro-Oeste brasileiro (Brasil, Paraguai, Bolívia) simplesmente continua a “estimular a macaqueação, a exportação de teorias, o colonialismo (cultural) interno, em vez de promover novas formas de crítica cultural de emancipação intelectual e política - de transformar os estudos coloniais e pós-coloniais em um campo de estudo em vez de um lócus de enunciação liminar e crítico”.<sup>5</sup> Aproveito para dizer que meu lócus de enunciação geoistórico cultural e

---

<sup>3</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 454.

<sup>4</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.26.

<sup>5</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.26.

crítico situa-se na *periferia da periferia* do Brasil, da fronteira-Sul (Paraguai e Bolívia) e quiçá da América Latina. Resta-me saber disso, e do fato de que o estado de Mato Grosso do Sul traz, desde o nome, a insígnia da subalternização em sua rubrica tal qual um couro de boi marcado a ferro e fogo pelos latifundiários do lugar, para erigir uma crítica periférica (periférico aqui é análogo a contextualizada) que seja capaz, entre outras competências críticas, de ou recontextualizar as críticas migrantes que chegam dos centros (internos ou externos), ou simplesmente rechaçá-las por reconhecer que elas não servem para pensar o lugar periférico que nem sempre é hospedeiro. (Mais à frente me deterei na questão da hospitalidade cultural sul-mato-grossense). É a partir desse lugar fronteiriço, por excelência, que penso e busco uma crítica periférica, cujo projeto assenta-se em uma nova epistemologia como forma de barrar as marcas de uma epistemologia moderna que, ao migrar para as bordas, decalcou um sentido totalizante sobre as produções locais. Aliás, nessa direção, já está mais do que consolidada a ideia de que o Terceiro Mundo produz uma epistemologia periférica própria, e de modo especial por seus intelectuais internos que, por saberem negociar com a crítica migrante de fora, não medem esforços para entender de modo diferenciado sua história e cultura. Esse intelectual, diferentemente daquele que se encontra fora do lócus periférico, pensa sempre *a partir de* (MIGNOLO), enquanto o intelectual do centro ou de fora do país esta condenado a pensar *sobre*. Como poderia pensar aquele crítico que ainda privilegia uma epistemologia moderna, *pensar a partir de* não significa fechar-se em seu lócus geostórico e nem muito menos priorizar o *bios* do sujeito subalterno e das produções culturais do lugar; antes, a proposta política da epistemologia periférica visa compreender e considerar em sua discussão o valor histórico-cultural da “diferença colonial”. O crítico periférico tem a possibilidade da escolha de poder pensar da periferia e, por conseguinte, de adotar uma outra articulação que não passe, necessariamente, por aquelas pensadas nos grandes centros avançados do país. Ao agir assim, o crítico periférico acaba por exumar e refundar “histórias esquecidas” que ficaram soterradas nas margens da História. Esse gesto crítico, assim como as histórias lembradas, traz, segundo Mignolo, “para o primeiro plano, ao mesmo tempo, uma nova dimensão epistemológica: uma epistemologia da, e a partir da, margem do sistema mundial colonial/moderno, ou, se quiserem, uma epistemologia da diferença colonial que é paralela à epistemologia do mesmo”.<sup>6</sup> Ao por em prática

3

---

<sup>6</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.83.

uma epistemologia periférica, o crítico subalterno acaba por inscrever sua própria experiência subalterna em sua articulação crítica, registra e torna público seu *bios*; enfim, ao crítico das margens periféricas parece estar facultado teorizar, sempre, *a partir da* situação na qual se encontra, incluindo aí o próprio papel do intelectual, das produções culturais e demais sujeitos *atravessados* (ANZALDÚA) pela condição subalterna. Não é demais reiterar que a localização periférica é geográfica, histórica, política e, sobretudo, epistemológica. É por valorizar esse locus epistemológico que o crítico periférico contribui, por meio de sua crítica de natureza subalterna, para refundar na História o que foi *reprimido* (Mignolo) pelo discurso da razão moderna. Por toda sua discussão, Mignolo defende a possibilidade teórica de se poder *pensar a partir da fronteira* nos tempos atuais. Desse modo, pensar da fronteira ou, no caso, pensar da periferia, como estou propondo, equivale a poder pensar para além do conceito moderno de teoria; logo, pensar para além dos conceitos modernos é poder pensar a partir da própria epistemologia que emerge da periferia, essa fronteira anônima, silenciosa, sombria e esquecida pelo olhar imperial lançado dos centros hegemônicos do país e de fora.<sup>7</sup> Na esteira da discussão de Mignolo acerca da pós-colonialidade, podemos dizer que se a epistemologia periférica não conseguir romper com a epistemologia moderna, ela se torna apenas uma outra versão, isto é, “uma teoria *sobre* uma assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa *a partir das e sobre* as fronteiras”.<sup>8</sup> A saída para a epistemologia periférica, para não *narcotizar* seu próprio locus de enunciação desde o começo, está em propor e sustentar um locus de enunciação “diferencial” *a partir da* periferia, como assegura Mignolo. Todavia deve-se tomar cuidado para não propor tal enunciação diferencial *de dentro* da epistemologia moderna, como às vezes tem acontecido com o discurso crítico nesta virada de século, quando o intelectual (o acadêmico sobretudo) se predispõe a estudar produções periféricas, marginais ou subalternas, mas amparado numa epistemologia acadêmica *narcotizada* e caduca que continua por não encampar um imaginário “diferencial” (diferencial aqui diferente de *diferença*). De acordo com Mignolo, “diferencial significa aqui um

4

---

<sup>7</sup> “O sentido de ‘periférico’ é análogo ao sentido de ‘subalterno’, se concebermos que o termo se refere a ‘culturas’ e línguas e não apenas a classes sociais e comunidades - isto é, tudo que se situa num espaço relacional será colocado ‘numa posição inferior’” (MIGNOLO, 2003, p.270).

<sup>8</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.159.

deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno”.<sup>9</sup> Levando em conta o lócus geoistórico periférico de onde proponho minha reflexão crítica, *diferencial* também pode significar o modo como *desloco* (traduzo) as leituras críticas das quais me valho, como a do próprio Mignolo pensada em inglês e dos Estados Unidos sobre a América Latina, para pensar de forma *diferencial* a periferia em questão (neste caso, como já disse, trata-se da fronteira do estado de Mato Grosso do Sul com os países Paraguai e Bolívia).

Na condição dúplice de subalternidade, isto é, de fronteira e de periferia, insisto que uma periferia é também um lugar específico, cuja história local é particular: Mato Grosso do Sul, Pedro Juan Caballero e Porto Quijaro, por exemplo, não são o México, nem São Paulo e nem Buenos Aires. O portunhol, o guarani, bem como as condições reais de vida na qual se encontram os *brasiguaios*, são únicos e indispensáveis para a compreensão da colonialidade do poder ali instaurada e da paisagem *fronteriza* e periférica que se desenha para o outro. Em se tratando do lócus aqui priorizado, o que se constata, num crescendo, é que falta ainda uma crítica consolidada que se predisponha a pensar esse lócus geoistórico a partir dele mesmo, com toda sua *diversalidade* (Mignolo) e problemas culturais. O que temos, na verdade, é uma crítica assentada em teorias acadêmicas importadas dos centros que simplesmente se basta em tomar o lócus periférico e fronteiriço como um “campo de estudos”, ao invés de tomar tal lócus cultural periférico como um lugar capaz de produzir discussões históricas, culturais e políticas que acabam por explicá-lo dentro de um contexto mais geral. Constatando e ao mesmo tempo contradizendo o que disse a pouco, o intelectual periférico parece ainda não se sentir seguro, intelectualmente falando, para pensar *a partir de* seu próprio lócus geoistórico, sem correr o risco de cair em um “localismo” piegas e chinfrim.

Cada vez mais, convenço-me de que quando se estuda um determinado lócus periférico, marginal e subalterno, é preciso que se defenda uma forma de se pensar *a partir dessa* zona periférica, como também das margens dos projetos globais, inclusive, e principalmente, das margens dos projetos críticos hegemônicos que migram para a periferia com sua leitura cristalizada, totalizante

---

<sup>9</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.167.

e até mesmo humanista demais sobre o outro periférico que simplesmente entrou na discussão crítica como um vasto campo\corpo exótico e estranho a ser explorado.

A periferia está para o Terceiro Mundo, assim como o centro está para o Primeiro; a cabeça está para o Norte, assim como o resto do corpo está para o Sul. Mas tal dualidade enquanto “entidade” não existe mais e talvez nem tenha de fato existido. Até mesmo aquele mundo que proporcionou tal configuração e classificação não exista mais neste século, adverte-nos Mignolo em nota. Todavia enquanto “divisão conceitual do mundo”, tal diferença continua intervindo e servindo de base no modo de compreender os *loci* diferenciais que grassam no mundo. E é como um conceito, ou melhor, como uma categoria que devemos articular o sentido de periférico, uma vez que essa categoria geostórica subalterna tem por função epistemológica “deslocar do Primeiro para o Terceiro Mundo o lócus da enunciação teórica, reivindicando a legitimidade da ‘localização filosófica’”<sup>10</sup>. Reivindicar direitos críticos e filosóficos não é reforçar um pensamento dual, hierárquico e universal que imperou historicamente no Ocidente; é, antes de qualquer coisa, *desencobrir* (tirar a tarja imperial) a imagem\paisagem de atrasada, nativa, sombria, bárbara e selvagem, sem capacidade de pensar, sem sensibilidade, eternamente dependente, imposta e sustentada pela herança colonial. A fronteira-Sul e os trópicos eram sempre vistos como o *resto do mundo*, da civilização e do saber. A questão que se impõe aqui nessa discussão não é a de inverter os papéis e lugares, de modo a cair numa inversão de valores e de poder acrítica por excelência. Longe de defender o local com barricadas e fossos, como que condenado a mirar e defender o próprio umbigo, compete ao crítico periférico reivindicar a legitimidade dos valores (de toda natureza) que emergem desses lugares periféricos, não com o objetivo de simplesmente contrapor ou comparar tais valores, mas com certeza como proposta epistemológica (política) de compreender tais realidades com seus sujeitos e produções culturais humanas de uma forma da qual o centro jamais poderia compreender, e pelo simples fato de *pertença*. Tomar o conceito de periferia como uma *categoria geostórica* (MIGNOLO) é assegurar o direito de que ela produz uma epistemologia, um conhecimento capaz de não apenas libertar os oprimidos sujeitos periféricos da condição na qual se encontram, como também daqueles

6

---

<sup>10</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 162.

sujeitos que se encontram presos na crença de uma epistemologia moderna colonial.<sup>11</sup> Assegura Mignolo que “a emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade”.<sup>12</sup>

Na verdade, e sempre na esteira do que postula o autor de *Histórias locais/Projetos globais*, quero entender que a periferia, enquanto uma categoria geoistórica, produz uma outra epistemologia, o que aqui equivale ao “um outro pensamento” (Khatibi) explorado por Walter Mignolo. Na leitura de Mignolo, “um outro pensamento” é condição para a consolidação do “pensamento liminar” defendido e sustentado pelo crítico argentino por todo seu livro. Em nosso caso, ambos os pensamentos contribuem para o que aqui chamamos de “pensamento periférico”: um pensamento que se localiza na fronteira do poder dos discursos hegemônicos e modernos, cuja preocupação inicial parte de suas próprias histórias locais e *suas particulares relações de poder*. O pensamento periférico visa superar a epistemologia monotópica do pensamento territorial (MIGNOLO), exatamente por se inscrever na *fronteira* da razão ocidental. *Entre-lugar, liminar, lindeiro, transfronteiriço* parecem pontuar o lócus de um pensamento periférico, apesar de ele situar-se mesmo em sua específica zona de fronteira porosa e quase incontornável por ordem de seu imaginário periférico. Enquanto uma “irredutível diferença epistemológica”, a periferia (o pensamento periférico) situa-se na condição de travessia dos sujeitos *atravesados* (ANZALDÚA), que vivem à margem do sistema moderno, como os brasiguaios, os indígenas, os paraguaios, os bolivianos, os sul-mato-grossenses e migrantes da tríplice fronteira-Sul do Centro-Oeste brasileiro; a periferia também é a travessia para o global, já que o global passa pelo periférico, sem a ele se colar. A fronteira-Sul, mais uma vez, na zona *fronteriza* aqui em destaque continua sendo o limite. Contraditória, se, por um lado, ela significa a travessia infinita, por outro, ela também barra, como que sinalizando que só pode ser narrada a partir de um pensamento periférico que emirja *de-dentro* dela mesma, isto é, “um tipo de pensamento que se mova ao longo da diversidade do próprio processo histórico”<sup>13</sup>. O pensamento crítico

7

---

<sup>11</sup> Ver RIVERA CUSICANQUI. *Oprimidos pero no vencidos*.

<sup>12</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p.178.

<sup>13</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.105.

periférico deve, mais do que ouvir, *escutar* o balbucio (ACHUGAR) da periferia e seus sujeitos *Oprimidos pero no vencidos* (RIVERA CUSICANQUI) em toda sua diversidade cultural e lingüística. Se a periferia se move em silêncio, como se move o dia com o por do sol sobre a fronteira sanguinolenta, o mundo historicamente vinha se movendo ao redor e em direção à fronteira-sul e daqueles sujeitos fronteiriços que por escolha, falta de opção ou força do destino resolveram permanecer no lugar. O pensamento periférico se desenha como o lugar da diferença colonial por excelência: “uma maneira de pensar que não é inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar; uma maneira de pensar que é universalmente marginal, fragmentária e aberta; e, como tal, uma maneira de pensar que, por ser universalmente marginal e fragmentária, não é etnocida”.<sup>14</sup>

Pontuei, até aqui, como essenciais para se pensar a periferia, e tendo como base de minha discussão a fronteira sem lei do estado de Mato Grosso do Sul e seus países lindeiros Paraguai e Bolívia, expressões como “a partir de”, “diferencial”, “categoria geoistórica”, “diferença colonial”, “epistemologia periférica”, “perspectiva subalterna”, “histórias locais” entre outras. Sinto que comecei este ensaio pelo final. Mas tal inversão se deu pela necessidade de chamar a atenção para a *existência* ou não do que se entende por “periferia”. 8  
Walter Mignolo chega ao último parágrafo de *Histórias locais/ Projetos globais* afirmando que “há e não há dentro e fora, centro e periferia”.<sup>15</sup> Sem ir à desforra ou cair na esparrela da discussão que descambaria para uma visada dicotômica, resta à crítica periférica eliminar as dicotomias de seu vocabulário crítico. Todavia, por mais contraditório que possa parecer, assumindo e posicionando-me enquanto intelectual periférico, reitero que não apenas existe periferia como existe *periferia da periferia*. O lócus da tríplice fronteira (Mato Grosso do Sul x Paraguai x Bolívia) por mim priorizado nesta discussão é um exemplo. Como intelectual da periferia (com relação ao meu próprio país e ao mundo), da fronteira por excelência, pouco me interessa saber que a *última descoberta dos centros de pesquisa metropolitanos é que não existe dentro e fora*. Interessa-me muito mais saber que — enquanto intelectual da margem (da periferia, fora do eixo), e talvez nem tanto sofisticado e “desenvolvido” intelectualmente a ponto de afirmar

---

<sup>14</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.104.

<sup>15</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.454.



categoricamente que não exista dentro e fora — a condição de colonizado intelectualmente (somos mais colonizados porque somos periféricos, ou somos mais periféricos porque somos colonizados?) pelos centros metropolitanos do país e de fora nos leva a repetir “proposições dominantes originárias de uma *intelligentsia* acadêmica de vanguarda”(MIGNOLO) para, num gesto de razão subalterna, buscar a inversão dessa *doxa* crítica triunfante, imperializante, dominante e quase sempre moralizante esteticamente. Na seqüência, deterei-me em conceitos como *paisagens periféricas*, *transculturação* e *hospitalidade*, entre outros, visando contornar mais de perto o que passo a denominar de *periferia de periferia*, tendo como lócus geostórico a tríplice fronteira-Sul que impõe sua própria lei a quem nela vive (os *atravesados*) ou que por ela passa.

### PAISAGENS periféricas

Sorvi, com os olhos indagadores, essas paisagens campeiras em seus mínimos detalhes e delas me tornei escravo submisso e voluntário. SEREJO. *Balaio de bugre*, p.8.

Para contornar as bordas das paisagens periféricas que se desenham na fronteira-Sul aqui em relevo é necessário, de início, que se leve em conta tanto a localização geostórica do lugar quanto as sensibilidades biográficas dos envolvidos, como as produções artístico-culturais, os sujeitos *atravesados* e, não menos importante, meu posicionamento enquanto intelectual diretamente envolvido na reflexão crítica. Walter Mignolo, ao deter-se na questão da localização, diz que *as sensibilidades dos locais geostóricos relacionam-se com um sentido de territorialidade e inclui — além da língua, do alimento, dos odores, do clima — a paisagem (que aqui nos interessa de modo especial), e que são esses signos todos que amarram, por sua vez, o corpo a um ou diversos lugares.*<sup>16</sup> Interessa-me sobremaneira a discussão do crítico acerca das sensibilidades dos locais, porque quero entender que a aproximação delas com a paisagem permite-nos compreender a própria paisagem de um lugar específico por fora de qualquer olhar universalizante (imperial), contemplando-a em sua *especificidade* e sem correr o risco de ser bairrista ou provinciano. Mais específico, que próprio;

9

---

<sup>16</sup> C.f. MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.264.

reconhecendo-se periférico, sem mais aquela ânsia ou desejo moderno de universal(izar) as histórias locais. Mais adiante volto à discussão proposta pelo autor de *Histórias locais/ Projetos globais*.

Na verdade, quem afirma que há “periferias da periferia” é o crítico uruguaio Hugo Achugar, em seu livro *Planetas sem boca*. Da leitura de Achugar, interessa-me, sobretudo, a aproximação e, por conseguinte, o “retrato” que ele faz entre a “nossa” periferia e a paisagem geoistórica da América Latina. Isso, por sua vez, só é possível porque, na leitura do crítico, fica-nos claro que só se pensa a América Latina a partir da América Latina. Assumindo todos os problemas que a discussão implica, Achugar vai mais longe e defende a idéia de que “pensar a partir da América Latina era pensar a partir da periferia”.<sup>17</sup> Por conseguinte, ao me propor pensar a partir da periferia, descubro, para minha surpresa, que há periferias dentro da periferia e que pensá-las, por sua vez, demanda uma perspectiva crítica ainda mais específica, como forma de abarcar suas especificidades e suas sensibilidades biográficas no mundo heterogêneo que caracteriza o que se denomina por América Latina. Nessa discussão, o Brasil parece sempre levar desvantagem, uma vez que aparece como uma periferia à parte dentro da periferia. Não por acaso, Mignolo comenta que “o Brasil fica incluído na América Latina não por causa da língua [...], mas por pertencer ao continente!”<sup>18</sup> Na verdade, o que se percebe é que o lócus periférico chamado Brasil fica de fora das discussões críticas sobre a América Latina por conta do desconhecimento da língua, reforçando, assim, uma subalternização crítica da própria América Latina que, no cômputo de seu ajuizado crítico, reforça uma exclusão periférica interna no mal sentido da palavra. Aliás, nesse tocante, mesmo na leitura acurada de Mignolo, os problemas (ou não problemas) culturais, sociais e políticos brasileiros, bem como suas produções artístico-culturais, ficam de fora da discussão proposta, como que a nos lembrar da exclusão sumária da periferia de língua portuguesa latina. Todavia, quando trago para o centro da discussão o lócus periférico e *fronterizo* do qual faço parte, o problema toma proporções quase insolúveis. Aqui e daqui, temos que administrar a exclusão que a crítica dos centros desenvolvidos do país opera quando entende que pode pensar (e falar) o que seria o melhor para as várias e diferentes periferias do país colossal. Por

10

---

<sup>17</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p.90.

<sup>18</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.186.

consequente, também temos que resolver um problema de colonização (crítica) interno às periferias nacionais: a subserviente repetição crítica nesses locais periféricos das lições aprendidas nos centros. A solução não parece estar em rechaçar as lições migrantes, mas, pelo contrário, em saber *pontuar* o lócus de onde se erige a crítica periférica. De base desse conhecimento, que é de ordem geoistórica e epistemológica, o crítico periférico pode traduzir sem culpa as lições totalizantes que teimam em se hospedar em casa (localização) alheia. Daí a importância de reiterar que penso a partir de um lócus periférico e *fronterizo* — a fronteira-sul sem lei de Mato Grosso do Sul/Paraguai/Bolívia) — cujos problemas e especificidades o fazem ser do jeito que é. Mais adiante, algumas “paisagens”, que traduzem as sensibilidades biográficas e que captam a alma fantasmática desse lugar periférico, serão apresentadas.

De acordo com Achugar, uma paisagem “supõe um posicionamento e um lugar específico a partir de onde se fala e a partir de onde se lê”.<sup>19</sup> De modo diferente do que postula o crítico, quero agregar em tal paisagem uma rubrica pós-colonial, por entender que somente assim ela pode contemplar uma epistemologia diferente daquela que foi realizada na e sobre a América Latina. Entendo que uma paisagem conceitual pós-colonial não renega a memória nem desconsidera a tradição que repousam nas produções artístico-culturais, nem mesmo na história ou na cultura periférica; antes tem a preocupação estético-epistemológica de assegurar que outras formas de paisagens possam sair de seu mundo oprimido e sombrio e se apresentarem em alto-relevo na cultura. A esse novo modo epistemológico que, para Mignolo entre outros, já foi chamado de pós-colonial/pós-ocidental, aqui estou denominando-o de pensamento periférico.

Seguindo o autor de *Planetas sem boca*, o lugar que aqui vislumbro e que se denomina de fronteira sem lei do Sul de Mato Grosso do Sul nem sempre é concreto e quase sempre é imaginário. Às vezes um se sobrepõe ao outro, dependendo do meu interesse crítico, ou de forma inconsciente mesmo. Mas é sem sombra de dúvida um lugar de fronteira, da margem, do “subúrbio do mundo” (PIGLIA), um lugar perdido na vastidão do espaço territorial que desenha a região Centro-Oeste do país, onde pântano e cerrado se revezam sem se hibridizar, um lugar deslocado e afastado dos centros desenvolvidos do país segundo esses

---

<sup>19</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p.60.

mesmos centros, fora do eixo por excelência. Nasci nesse lugar territorial onde o sol se põe por sobre a fronteira e as leis próprias do mando e do desmando são urdidadas em silêncio, e hoje me resta escolher uma forma epistemológica para pensá-lo com mais propriedade/especificidade. É o que busco fazer aqui.

Na esteira da discussão de Achugar, mas pensando no lócus aqui priorizado, lembro que na periferia, enquanto “lugar de carência”, vivem sujeitos periféricos que “balbuciam” sua própria voz. Podem não ser escutados pelos centros do saber e do poder, mas o importante é que “falam”. Não quero entender que é apenas o centro que fala pela periferia, não que isso não seja quase a regra. O planeta (de Lacan) é babélico, de modo que sempre há alguém falando por outro. O problema reside quando um quer falar, impor sua fala, seu discurso *sobre* o outro. Nessa direção, no centro ou na periferia, sempre vamos encontrar um falando pelo outro. Aí parece residir o problema político mais comum da contemporaneidade. Porque enquanto os doutores da academia das belas letras, ou dos centros desenvolvidos, ficaram pensando que a periferia não produzia linguagem, nem saber, nem discurso, e que nem boca tinha, instauraram-se poderes dentro das periferias que guerreiam entre si. Em nossa discussão, a periferia se desenha como um “lugar de carência” menos por falta de representação do que pela exclusão sumária por parte do poder político do estado, do poder econômico e dos discursos acadêmico e disciplinar. Nessa linha de discussão, podemos inverter a afirmação de Gayatri Spivak de que o sujeito subalterno *é aquela que não fala, pois se fala já não o é*<sup>20</sup>, e querer compreender que sua lógica talvez sirva mais para o contexto cultural indiano do que para o contexto periférico da tríplice fronteira aqui em destaque. Também talvez os sujeitos da fronteira devam ser tomados menos como subalternos e mais como periféricos mesmos (não que a aproximação entre periférico e subalterno não seja possível) e, como tais, esses sujeitos não apenas falam como articulam discórdias e brigas pelo poder (e pela terra) entre eles. O lugar periférico e *fronterizo* aqui priorizado apresenta-se como um “lugar de carência”, mas também como um lugar de imposição de leis próprias, de contrabando de mercadorias e vidas alheias, lugar onde os corpos simplesmente desaparecem, lugar por onde os andariegos cruzam dentro do silêncio da noite *fronteriza*, onde é travada uma guerra sangrenta pela terra de ninguém (?). Nesse lugar, a periferia, assim como a fronteira, é mais do que uma metáfora. Ela é tão

12

---

<sup>20</sup> Ver SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*

real, quanto mais excludente tornam-se os sujeitos internos a ela mesma na experiência/vivência do dia a dia interminável de lutas, perdas e ganhos.



13

**Figura 1** - Boneco de fazendeiro brasileiro enforcado simboliza tensão com sem-terra no Paraguai

Fonte: UOL Notícias, 06/2012

A imagem/paisagem (Figura 1) capta o lado sombrio *dos filhos sem terra da meia-noite*, onde uma luta armada literalmente é travada em prol da sobrevivência e dos direitos. Retrata a persona do brasiguai Tranqüilo Fávero enforcado no meio do acampamento (Santa Lucia, região de Ñacunday, leste do Paraguai) pelos sem terra. O nome próprio “Favero” inscrito/assinado no peito do boneco traduz a fronteira belicosa entre o “rei da soja” e os sem terra, como também não deixa de aludir a uma dura realidade sangrenta que quase sempre tem ficado de fora das discussões acerca das fronteiras periféricas na América Latina. Nesse último 15 de junho (2012), seis policiais e 11 sem-terra morreram em confronto durante uma reintegração de posse em Curuguaty (a 250 quilômetros de Assunção). Entre brasiguaios<sup>21</sup> e sem terra, o fato é que onze campesinos

---

<sup>21</sup> “Os *brasiguaios* ou *brasilguaios* são brasileiros (e seus descendentes) estabelecidos em território da República do Paraguai, em áreas fronteiriças com o Brasil, principalmente nas regiões

morreram em uma fazenda próxima à fronteira com o Brasil, denunciando a situação emblemática de uma fronteira enigmática e sem lei sobre a qual, não por acaso, o poder do estado e a democracia parecem ter dado as costas. A questão emblemática que se impõe nesse locus periférico, em particular, é de ordem política e de poder.<sup>22</sup> Aliás, nesse sentido, parece-nos que toda a problemática que envolve as periferias, sejam elas urbanas ou não, é de ordem política e de poder; e não se trata de uma questão de “diplomacia”, como pensam alguns, mas de democracia.<sup>23</sup> Por falar em poder (e em democracia), não é apenas o poder do 44 e do 38 que impõe respeito na zona de fronteira; o poder da língua (s) chega a ser mais devastador e entristecedor, porque ele vai minando o espaço da outra língua por dentro, invadindo seu lugar, fazendo do poder alheio seu poder. Além do problema racial encontrado na zona de fronteira, já que a maioria dos brasiguaios tem pele clara e feições europeias, enquanto a maior parte dos paraguaios é de origem hispano-guarani, e da presença dos estrangeiros (brasiguaios) provocar sentimentos nacionalistas e até xenófobos entre os sem terra paraguaios, a preocupação maior dos paraguaios reside, segundo ampla reportagem publicado no *The New York Times*, no enfraquecimento de sua identidade, posto que os estrangeiros, que para ali migraram, como os brasiguaios, *mantêm sua própria língua, usam sua própria moeda, hasteiam sua própria bandeira e são donos das terras mais produtivas do lugar. Também se queixam de que seus filhos terão*

14

---

chamadas Canindeyú e Alto Paraná, no sudeste do Paraguai. Estimados em 350.000, são, em sua maioria, agricultores de origem alemã, italiana ou eslava e falantes do idioma português. O nome origina-se na junção das palavras “brasileiro” e paraguaio” (Brasiguaios. Wikipédia).

<sup>22</sup> “Onze campesinos sem terra foram assassinados na sexta-feira passada em uma fazenda próxima á fronteira com o Brasil, onde está aumentando a tensão em paralelo às reivindicações e ações diretas pela reforma agrária. O enfrentamento entre policiais e lavradores deixou sete agentes mortos, entre eles os chefes do Grupo de Operações Especiais, uma espécie de BOPE paraguaio, só que sua tarefa não é reprimir favelados como no Rio de Janeiro, mas os peões rurais que, depois que Lugo chegou ao governo, em 2008, aumentaram seu nível de organização e decisão de luta, depois de décadas de submissão diante do jugo da ditadura de Alfredo Stroessner” (Marin Almada. “Latifundiários brasiguaios querem derrubar Lugo”. In: *Carta Maior*)

<sup>23</sup> “*“Diplomacia você pode usar com pessoas cultas...só que... você sabe o dito popular que diz: a mulher do malandro obedece só com pau...tamos lidando com pessoas de tamanha ignorância que com diplomacia você não soluciona”*” disse o maior produtor de soja do Paraguai, nascido em Santa Catarina (Apud ALMADA. “Latifundiários brasiguaios querem derrubar Lugo”. In: *Carta maior*).

*como segunda língua o português, ao invés do guarani.* “Temos que proteger nossa identidade ou estaremos perdidos como nação nessa onda de globalização e Mercosul”, afirmou o diretor de escola local Adílio Ramirez López.<sup>24</sup> O que me intriga na discussão é perceber que uma língua subalterna como a portuguesa num contexto global, quando empregada num contexto mais periférico, torna-se, por sua vez, uma língua de caráter hegemônico. No contexto aqui em relevo, a língua portuguesa “estrangeira” impõe-se pelo uso, pelo valor de troca e circulação da moeda, pelo poder patriótico da bandeira nacional, pela terra conquistada, pela cor da pele do invasor. Corroboram, nessa discussão, as proposições feitas por Walter Mignolo sobre o “bilinguajamento” em *Histórias locais/ Projetos globais*. Não por acaso, o autor entende por bilinguajamento *o deslocamento das línguas hegemônicas e imperiais e sua recolocação dentro da perspectiva das línguas ameríndias*. Ressalvadas todas as diferenças que possa haver, quero entender que, no tocante ao lócus *fronterizo* aqui em destaque, a língua portuguesa se impõe como uma língua detentora de um poder mais colonial. Por outro lado, postulo que o amor pelas e entre as línguas periféricas da fronteira-Sul trabalham no sentido de manter viva na fronteira uma “língua” que não respeita as diferenças, pois já se articula numa relação diferencial, como o “portunhol”, linguagem específica da fronteira e falada por quase todos os sujeitos *atravesados* (ANZALDÚA), independentemente de sua língua pátria. Aliás, nesse tocante, e ressalvadas as diferenças nacionalistas, torna-se inoperante falar em língua pátria. A zona de fronteira, se não rompe, embaralha esses traços nacionalistas e patrióticos, como que a nos lembrar de que uma fronteira, além de não ter lados definidos, borra as próprias diferenças culturais locais. Na esteira de Anzaldúa, em *Borderlands*, viver na fronteira é correlato a um *viver-entre-línguas*. Nessa direção, o portunhol, enquanto uma língua de fronteira, de fraturas e de fissuras, capta, supera e traduz não apenas as relações diferenciais, mas o medo, a dor, a vergonha, a humilhação, a perda, a discórdia, a alegria dos povos imbricados a situação/condição de transfronteiridade. Enquanto um estilo de vida entre línguas, o espanhol amalgama o que é da ordem do ético, do estético, do político, do social e do cultural no tocante às condições de vida nas quais se encontram os sujeitos da periferia que se desenha ao Sul da fronteira do Centro-Oeste brasileiro. Uma língua liminar, como a do portunhol, tem o poder de, de forma especular,

---

<sup>24</sup> C.f “Brasiguaios”, In: Wikipédia

ressignificar e representar a fronteira enquanto um lugar periférico (ou não) capaz de reflexão e libertação tanto dos temores nascidos no lugar quanto os vindos de fora. O portunhol, como língua periférica, se, por um lado, condensa as condições de vida dos sujeitos oprimidos e excluídos, por outro lado, assinala o receio que o poder (intelectual) do discurso dos centros hegemônicos tem por não conhecê-la. Ressalvadas as diferenças contextuais e culturais, vale a pena transcrever uma passagem de Anzaldúa que traduz uma condição interlingual/intercultural encontrada na fronteira-Sul: “Aí, na encruzilhada das culturas, as línguas se revitalizam e mutuamente se fecundam. Morrem e nascem. No momento, essa língua infante, essa língua bastarda, o espanhol mexicano, não é aprovada por sociedade alguma”.<sup>25</sup>

Em vista do exposto sobre a língua e os sujeitos *atravesados* da fronteira-Sul, mais duas observações sobre a “paisagem do enforcado” (imagem) se fazem necessárias. Com relação à primeira, posso dizer que a paisagem estacada no meio da terra “sem lei” e a ser conquistada traz inscrita as sensibilidades dos sujeitos locais, com seus *bios* e seus desejos de morte, além de sinalizar um “sentido de territorialidade” (MIGNOLO) ímpar que inclui, entre outros traços localistas, a própria paisagem desolada do lugar e dos sujeitos envoltos à situação. Compete a uma paisagem biográfica do local (periférico) amalgamar a política e as sensibilidades do local geográfico, além de emoldurar em seu próprio corpo as perdas e desejos dos sujeitos imbricados a condição de fronteiridade. É exatamente por isso que uma paisagem, qualquer paisagem, apresenta-se sempre como um local de reflexão teórica por excelência. A paisagem-Sul, que encampa o pôr do sol na fronteira, além de apresentar-se como cindida desde seu *infans*, redesenha uma vida em trânsito para o sujeito-fronteira que nela vive ou atravessa. A outra observação sobre a “paisagem do enforcado” diz respeito ao fato de que a paisagem traz a inscrição de “um lugar, ao invés de “um não-lugar”, sinalizando, por sua vez, os traços diferenciais entre centro e periferia, eixo e fora do eixo etc, apontando, por conseguinte, as especificidades dos lugares periféricos ou não. A paisagem do enforcado, diferentemente de outras paisagens, traz inscrita em seu corpo-texto uma história singular, uma memória dos envolvidos e do lugar, uma tradição, bem como a marca das perdas e ganhos, da vida e da morte, a cor matizada do sangue escorrido pela terra ou do crepúsculo oscilante da fronteira-

---

<sup>25</sup> Apud MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.344.



Sul. Quando se tem a preocupação crítica de contornar a borda imaginária e real de uma paisagem deve-se considerar, como postula Achugar, “o peso que memórias, tradições e inércias tem na configuração de uma paisagem que tem a ver, também, com a identidade”.<sup>26</sup> Assim, o signo-paisagem do enforcado também contribui para desvelar a problemática questão identitária do lugar periférico da fronteira-Sul de Mato Grosso do Sul (Paraguai e Bolívia) e dos sujeitos nele imbricados.

Douglas Diegues, poeta da fronteira-Sul, apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, em *Uma flor na solapa da miséria* (2007) capta e traduz *en portuñol* uma conceituação para o “portunhol salvaje” falado na fronteira:

U portunhol salvaje es la língua falada em la frontera du Brasil com u Paraguai por la gente simples que increíblemente sobrevive de teimosia, brisa, amor al imposible, mandioca, vento y carne de vaca. Es la lengua de las putas que de noche vendem seus sexos em la linha de la fronteira. Brota como flor de la bosta de las vakas. Es una lengua bizarra, transfronteriza, rupestre, feia, bella, diferente. Pero tiene una graça salvaje que impacta. Es la lengua de mis abuelos. Porque ellos sempre falaram em portunhol salvaje comigo. Us poetas de vanguardia primitivos, ancestrales de los poetas contemporâneos de vanguardia primitiva, non conociam u lenguaje poético, justamente porque ellos solo conociam um lenguaje, el lenguaje poético. Com los habitantes de las fronteras du Brasil com u Paraguai acontece mais ou menos la misma coisa. Ellos solo conocen u lenguaje poético, porque ellos no conocen, no conocen, outro lenguaje. El portunhol salvaje es una música diferente, feita de ruídos, rimas nunca bistas, amor, água, sangue, árboles, piedras, sol, ventos, fuego, esperma.<sup>27</sup>

A imagem que se forma na passagem poética de Diegues também corrobora a construção da paisagem periférica que traduz o lócus geoistórico denominado de fronteira-Sul do Centro-Oeste brasileiro. Na verdade, quero entender o “portunhol salvaje” como a inscrição de uma epistemologia periférica, na medida em que a consciência dessa outra língua está, de alguma forma, arraigada no domínio do conhecimento do povo da zona de fronteira. A língua da fronteira é fruto de uma consciência *salvaje, fronteriza*, que, por sua vez, permite a inscrição de uma epistemologia específica da condição de transfronteiridade na qual se encontram os sujeitos *atravesados*. Sua condição natural de se reproduzir e de sobreviver, meio ao deus-dará como *flor que brota de bosta de vaca*, e o fato de ser falada

---

<sup>26</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 96.

<sup>27</sup> DIEGUES. *Uma flor na solapa da miséria* (em portuñol), p.3.

tanto por gente simples como pelas putas andariegas da linha real e imaginária da fronteira não deixam de sinalizar a estratégia de uma língua subalterna que, por sua condição de *transfronteriza*, luta para sobreviver (DERRIDA) em meio a vida e a morte, ou até mesmo para além da vida ou da morte, aliás, condição de qualquer língua periférica. Como já disse antes, há uma guerra silenciosa muito mais daninha e perniciosa entre as línguas articuladas na tríplice fronteira, uma vez que é nelas que o poder, ou melhor, os poderes se agregam. A língua selvagem da fronteira tem a sua específica herança cultural e familiar, sua história subalterna, que, se, por um lado, permite o diálogo com a tradição moderna, por outro, inaugura uma episteme periférica cujos postulados críticos ancoram-se *a partir das* diferenças coloniais. Quando o poeta constata que os habitantes das fronteiras do Brasil com o Paraguai (e aqui acrescentaria a fronteira com a Bolívia) só conhecem a linguagem poética como única linguagem, ele não deixa de pontuar a consciência dilacerada do sujeito da fronteira e sua condição como sujeito *oprimido pero no vencido*. O “portunhol salbaje” contribui para a fundação da paisagem periférica da fronteira-Sul porque, enquanto *uma música diferente, feita de ruídos, rimas nunca vistas, amor, água, sangue, árvores, pedras, sol, ventos, fogo e esperma*, (DIEGUES), ajuda a contornar o corpo identitário da cultura local da zona de fronteira. Assim como o *homem que se propôs a tarefa de desenhar o mundo*, como se lê na epígrafe de Borges aposta neste texto, e que *antes de morrer descobre que aquele paciente labirinto de linhas traçava a imagem de seu rosto*, o portunhol salbaje, por ser uma “lengua bizarra, transfronteriza, rupestre, feia, bella, diferente”, espelha a *herida abierta* (ANZALDÚA) que sangra do corpo do sujeito subalterno e contorna em alto-relevo a paisagem que dá a todos do lugar “um sentido de territorialidade” (MIGNOLO).

18

Este texto não termina aqui. Como faz parte de um projeto maior, intitulado “Paisagens críticas transculturais na fronteira sem lei”, que desenvolvo, em meu estágio pós-doutoral, como professor-visitante no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ), depois me deterei em questões conceituais aqui apenas mencionadas como “hospitalidade”, “transculturação” e outras para desenvolvê-las de forma satisfatória, tendo, é claro, a zona de fronteira do estado de Mato Grosso do Sul e suas produções paisagístico-culturais como mediadoras da discussão crítica.

## REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands: the new mestiza = la frontera*. 3rd ed. São Francisco: Aunt Lute Books.

BORGES, Jorge Luis. *O fazedor*. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGOUEL, Ramón (editores) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (Editores) *Teorías sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debates)* <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/teoria/castro/> s.p.

DIEGUES, Douglas. *Uma flor na solapa da miséria*. (Em português) Asunción: Yiyi Jambo, 2007.

LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. Crítica subalternista ao Sul. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: subalternidade. Campo Grande – MS, vol.3, nº 5, jan./jun. 2011 p.51-65.

NOLASCO, Edgar César. Crítica fora do eixo: onde fica *o resto do mundo*? In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: cultura local. Campo Grande – Ms, vol. 3, nº 6, jul./dez. 2011. p.27-41.

NOLASCO, Edgar César. Perto do coração selvagem da crítica *fronteriza*. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: fronteiras culturais. Campo Grande – Ms, vol.4, nº 7, jan./jun. 2012. p.35-51.

PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, S.A., 2001.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. de Sandra Regina G. de Almeida, Marcus Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Oprimidos pero no vencidos: luchas del campesinado aymara y qhechwa 1900-1980*. La Paz: Hisbol – CSUTCB, 1984.